

**QUESTÃO 1.**

Mas quando a aflição aperta, quando o corpo se nos desmanda de dor e angústia, então é que se vê o animalzinho que somos.

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira.

O autor português José Saramago escreveu, em 1995, Ensaio sobre a cegueira, talvez um dos seus mais importantes livros. Nessa obra, Saramago busca entender a essência humana numa situação caótica causada pela cegueira súbita de toda a humanidade.

A partir da frase acima, pode-se relacionar a história de Saramago às ideias de

- (A) Jacques Bossuet, já que analisava o fim do Estado de Natureza do homem a partir de ideias metafísicas e míticas.
- (B) John Locke, que, para fundamentar a sua teoria contratualista da formação social, vislumbrava um homem não necessariamente maldoso e perverso em seu estado natural.
- (C) Michel Foucault, uma vez que defende a ideia de multidirecionamento do exercício do poder.
- (D) Thomas Hobbes, por conta da sua ideia de vilania do homem durante o seu Estado de Natureza.
- (E) Nietzsche, devido à sua crítica acerca da moralidade do homem.

**QUESTÃO 2.**

“Porque as leis de natureza (como a justiça, a equidade, a modéstia, a piedade, ou, em resumo, fazer aos outros o que queremos que nos façam) por si mesmas, na ausência do temor de algum poder capaz de levá-las a ser respeitadas, são contrárias a nossas paixões naturais, as quais nos fazem tender para a parcialidade, o orgulho, a vingança e coisas semelhantes. E os pactos sem a espada não passam de palavras, sem força para dar qualquer segurança a ninguém. Portanto, apesar das leis de natureza (que cada um respeita quando tem vontade de respeitá-las e quando pode fazê-lo com segurança, se não for instituído um poder suficientemente grande para nossa segurança, cada um confiará, e poderá legitimamente confiar, apenas em sua própria força e capacidade, como proteção contra todos os outros.”

MALMESBURY, Thomas Hobbes de. *Leviatã* ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil.

Sobre o pensamento de Hobbes, assinale a alternativa correta:

- (A) O contrato social que dá origem ao Estado só é obedecido pela força e pelo temor.
- (B) Os homens, na sua condição natural, não observam apenas as suas paixões naturais.
- (C) O contrato que dá origem ao Estado cria um monstro com quem os seres humanos serão desobrigados a conviver.
- (D) A concepção de homem natural de Hobbes é marcada por um profundo otimismo antropológico.
- (E) A filosofia política hobbesiana é otimista.

**QUESTÃO 3.**

Deveis saber, portanto, que existem duas formas de se combater: uma, pelas leis, outra, pela força. A primeira é própria do homem; a segunda, dos animais. Como, porém, muitas vezes a primeira não seja suficiente, é preciso recorrer à segunda. Ao príncipe torna-se necessário, porém, saber empregar convenientemente o animal e o homem. [...] Nas ações de todos os homens, máxime dos príncipes, onde não há tribunal para que recorrer, o que importa é o êxito bom ou mau. Procure, pois, um príncipe, vencer e conservar o Estado.

Nicolau Maquiavel. *O príncipe*, 1983.

O texto, escrito por volta de 1513, em pleno período do Renascimento italiano, orienta o governante a

- (A) defender a fé e honrar os valores morais e sagrados.
- (B) valorizar e priorizar as ações armadas em detrimento do respeito às leis.
- (C) basear suas decisões na razão e nos princípios éticos.
- (D) comportar-se e tomar suas decisões conforme a circunstância política.
- (E) agir de forma a sempre proteger e beneficiar os governados

**QUESTÃO 4.**

Leia o texto a seguir.

A República de Veneza e o Ducado de Milão ao norte, o reino de Nápoles ao sul, os Estados papais e a república de Florença no centro formavam ao final do século XV o que se pode chamar de mosaico da Itália sujeita a constantes invasões estrangeiras e conflitos internos. Nesse cenário, o florentino Maquiavel desenvolveu reflexões sobre como aplacar o caos e instaurar a ordem necessária para a unificação e a regeneração da Itália.

(Adaptado de: SADEK, M. T. “Nicolau Maquiavel: o cidadão sem fortuna, o intelectual de virtú”. In: WEFORT, F. C. (Org.).

Clássicos da política. v.2. São Paulo: Ática, 2003. p.11-24.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a filosofia política de Maquiavel, assinale a alternativa correta.

- (A) A anarquia e a desordem no Estado são aplacadas com a existência de um Príncipe que age segundo a moralidade convencional e cristã.
- (B) A estabilidade do Estado resulta de ações humanas concretas que pretendem evitar a barbárie, mesmo que a realidade seja móvel e a ordem possa ser desfeita.
- (C) A história é compreendida como retilínea, portanto a ordem é resultado necessário do desenvolvimento e aprimoramento humano, sendo impossível que o caos se repita.
- (D) A ordem na política é inevitável, uma vez que o âmbito dos assuntos humanos é resultante da materialização de uma vontade superior e divina.
- (E) Há uma ordem natural e eterna em todas as questões humanas e em todo o fazer político, de modo que a estabilidade e a certeza são constantes nessa dimensão.

### **QUESTÃO 5.**

[...] O estado de guerra é um estado de inimizade e destruição [...] nisto temos a clara diferença entre o estado de natureza e o estado de guerra, muito embora certas pessoas os tenham confundido, eles estão tão distantes um do outro [...].

LOCKE, John. Segundo Tratado sobre o Governo. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1978.

Leia o texto acima e assinale a alternativa correta.

- (A) Para Locke, o estado de natureza é um estado de destruição, inimizade, enfim uma guerra “de todos os homens contra todos os homens”.
- (B) Segundo Locke, o estado de natureza se confunde com o estado de guerra.
- (C) Segundo Locke, para compreendermos o poder político, é necessário distinguir o estado de guerra do estado de natureza.
- (D) Uma das semelhanças entre Locke e Hobbes está no fato de ambos utilizarem o conceito de estado de natureza exatamente com o mesmo significado.
- (E) Segundo Locke, o estado de natureza é pacífico e o homem é bom, mas a sociedade o corrompe.

### **QUESTÃO 6.**

O filósofo inglês John Locke (1632-1704) construiu uma teoria político-social da propriedade que é, até hoje, uma das referências principais sobre o tema. Afirma ele:

“A natureza fixou bem a medida da propriedade pela extensão do trabalho do homem e conveniências da vida. Nenhum trabalho do homem podia tudo dominar ou de tudo apropriar-se. [...] Assim o trabalho, no começo (das sociedades humanas), proporcionou o direito à propriedade sempre que qualquer pessoa achou conveniente empregá-lo sobre o que era comum.”

(LOCKE, J. Segundo tratado sobre o governo civil. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 48; 45; 52)

Em consonância com essa concepção de propriedade do filósofo, é correto afirmar que

- (A) o direito à propriedade não é fruto do trabalho.
- (B) o direito à propriedade é fundado naquele que primeiro se apossou do bem (terra, animais etc.).
- (C) o fato de os recursos naturais serem comuns a todos os homens gera um impedimento à propriedade individual.
- (D) o trabalho coletiviza o que era propriedade individual, pois agrega algo comum ao bem
- (E) a propriedade do bem antecede o trabalho e não o contrário.

### **QUESTÃO 7.**

Fala-se muito nos dias de hoje em direitos do homem. Pois bem: foi no século XVIII – em 1789, precisamente que uma Assembleia Constituinte produziu e proclamou em Paris a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Essa Declaração se impôs como necessária para um grupo de revolucionários, por ter sido preparada por uma mudança no plano das ideias e das mentalidades: o Iluminismo.

FORTES, L.R.S. O Iluminismo e os reis filósofos. São Paulo: Brasiliense, 1981 (adaptado).

Correlacionando temporalidades históricas, o texto apresenta uma concepção de pensamento que tem como uma de suas bases a

- (A) modernização da educação escolar.
- (B) atualização da disciplina moral cristã.
- (C) divulgação de costumes aristocráticos.
- (D) socialização do conhecimento científico.
- (E) universalização do princípio da igualdade civil.

### **QUESTÃO 8.**

É verdade que nas democracias o povo parece fazer o que quer; mas a liberdade política não consiste nisso. Deve-se ter sempre presente em mente o que é independência e o que é liberdade. A liberdade é o direito de fazer tudo o que as leis permitem; se um cidadão pudesse fazer tudo o que elas proíbem, não teria mais liberdade, porque os outros também teriam tal poder.

MONTESQUIEU. Do Espírito das Leis. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997 (adaptado).

A característica de democracia ressaltada por Montesquieu diz respeito

- (A) ao status de cidadania que o indivíduo adquire ao tomar as decisões por si mesmo.
- (B) ao condicionamento da liberdade dos cidadãos à conformidade às leis.
- (C) à possibilidade de o cidadão participar no poder e, nesse caso, livre da submissão às leis.
- (D) ao livre-arbítrio do cidadão em relação àquilo que é proibido, desde que ciente das consequências.
- (E) ao direito do cidadão exercer sua vontade de acordo com seus valores pessoais.

### **QUESTÃO 9.**

A palavra cunhada para este fim ["bom"] significa, segundo sua raiz, alguém que é, que tem realidade, que é real, verdadeiro; depois, numa mudança subjetiva, significa o verdadeiro enquanto veraz.

NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da Moral. 1ª dissertação. "Bom e mau" "bom e ruim", parágrafo 5. Adaptado.

Nietzsche, em sua Genealogia, faz uma distinção entre dois modos de valoração moral que correspondem, respectivamente, a dois tipos de oposição encontrados na linguagem comum.

A oposição que se faz entre "Bom e Ruim" corresponde a qual noção da genealogia de Nietzsche?

- (A) "Moral escrava".
- (B) "Moral nobre".
- (C) "Má consciência".
- (D) "Ideal ascético".
- (E) "Valoração reativa".

### **QUESTÃO 10.**

Depois que buda morreu, sua sombra ainda foi mostrada numa caverna durante séculos — uma sombra imensa e terrível. Deus está morto; mas, tal como são os homens, durante séculos ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada. Quanto a nós — nós teremos que vencer também a sua sombra!

(Friedrich Wilhelm Nietzsche, in A Gaia Ciência - aforismo 108.)

Ao declarar que “a moral e a religião pertencem inteiramente à psicologia do erro”, Nietzsche pretendeu

- (A) destruir os caminhos que “a psicologia utiliza para negar ou afirmar a moral e a religião”.
- (B) criticar essa necessidade humana de se vincular a valores e instituições herdadas, já que “o Homem é forjado para um fim e como tal deve existir”.
- (C) denunciar o erro que tanto a moral quanto a religião cometem ao confundir “causa com efeito, ou a verdade com o efeito do que se considera como verdade”.
- (D) comprovar que “a moral e a religião estão no imaginário coletivo, mas para se instalarem enquanto verdade elas precisam ser avalizadas por uma ciência institucionalizada”.
- (E) preterir todos os outros homens àqueles que “só sabem viver em declínio; pois são os que transpõem”.

### **QUESTÃO 11.**

Dialética, originalmente, é a arte do diálogo, da contraposição de ideias que leva a outras ideias. O conceito de dialética, porém, é utilizado por diferentes doutrinas filosóficas e, de acordo com cada uma, assume um significado distinto. Para Platão, a dialética é sinônimo de filosofia, o método mais eficaz de aproximação entre as ideias particulares e as ideias universais ou puras. É a técnica de perguntar, responder e refutar que ele teria aprendido com Sócrates (470 a.C.-399 a.C.). Platão considera que apenas através do diálogo o filósofo deve procurar atingir o verdadeiro conhecimento, partindo do mundo sensível e chegando ao mundo das ideias. Pela decomposição e investigação racional de um conceito, chega-se a uma síntese, que também deve ser examinada, num processo infinito que busca a verdade.

Aristóteles define a dialética como a lógica do provável, do processo racional que não pode ser demonstrado. "Provável é o que parece aceitável a todos, ou à maioria, ou aos mais conhecidos e ilustres", diz o filósofo.

O alemão Immanuel Kant retoma a noção aristotélica quando define a dialética como a "lógica da aparência". Para ele, a dialética é uma ilusão, pois baseia-se em princípios que, na verdade, são subjetivos.

Qual é a diferença entre o conceito de movimento histórico, em Hegel, e o de processo histórico, em Marx?

- (A) Para Hegel, através do trabalho, os homens vão construindo o movimento da produção da vida material e, assim, o movimento histórico. Para Marx, a consciência determina cada época histórica, desenvolvendo o processo histórico.
- (B) Para Hegel, a História pode sofrer rupturas e ter retrocessos, por isso utiliza-se do conceito de movimento da base econômica da sociedade. Marx acredita que o modo de produção encaminhe para um objetivo final, que é a concretização da Razão.
- (C) Para Hegel, a História tem uma circularidade que não permite a continuidade. Para Marx, a História é construída pelo progresso da consciência dos homens que formam o processo histórico.
- (D) Para Hegel, a Razão caminha para o conceito de si mesma, em si mesma. Marx não tem uma visão linear e progressiva da História, sendo que, para ele, ela é processo, depende da organização dos homens para a superação das contradições geradas na produção da vida material, para transformar ou retroceder historicamente.
- (E) Em Hegel não existe nenhuma preocupação com relação ao caminho dialético; enquanto que, para Marx, o materialismo dialético é a base estrutural de sua análise sobre o ser humano.

### **QUESTÃO 12.**

Na produção social que os homens realizam, eles entram em determinadas relações indispensáveis e independentes de sua vontade; tais relações de produção correspondem a um estágio definido de desenvolvimento das suas forças materiais de produção. A totalidade dessas relações constitui a estrutura econômica da sociedade – fundamento real, sobre o qual se erguem as superestruturas política e jurídica, e ao qual correspondem determinadas formas de consciência social.

MARX, K. Prefácio à Crítica da economia política. In. MARX, K. ENGELS F. Textos 3. São Paulo. Edições Sociais, 1977 (adaptado).

Para o autor, a relação entre economia e política estabelecida no sistema capitalista faz com que

- (A) o proletariado seja contemplado pelo processo de mais-valia.
- (B) o trabalho se constitua como o fundamento real da produção material.
- (C) a consolidação das forças produtivas seja compatível com o progresso humano.
- (D) a autonomia da sociedade civil seja proporcional ao desenvolvimento econômico.
- (E) a burguesia revolucione o processo social de formação da consciência de classe.

### **QUESTÃO 13.**

A respeito do conceito de dialética, Hegel faz a seguinte afirmação: "O interesse particular da paixão é, portanto, inseparável da participação do universal, pois é também da atividade do particular e de sua negação que resulta o universal."

HEGEL, G. W. F. Filosofia da História. 2. ed. Tradução de Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília: Editora da UnB, 1998. p. 35.

Com base no pensamento de Hegel, assinale a alternativa correta.

- (A) O particular é irracional, por isso é a negação do universal, portanto, a História não é guiada pela Razão, mas se deixa conduzir pelo acaso cego dos acontecimentos que se sucedem sem nenhuma relação entre eles.
- (B) O universal é a somatória dos particulares, de modo que a História é tão só o acumulado ou o agregado das partes isoladas, e assim elas estão articuladas tal como engrenagens de uma grande máquina.
- (C) O particular da paixão é a ação dos indivíduos, sempre em oposição à finalidade da História, isto é, do universal da Razão que governa o mundo, mas esta depende da ação dos indivíduos, sem os quais ela não se manifesta.
- (D) O universal é a vontade divina que por intermédio da sua ação providente preserva os homens de todos os perigos, evitando que se desgastem com suas paixões, assim, o humano é preservado desde o seu surgimento na Terra.
- (E) Apesar de o Espírito se manifesta historicamente, ele nunca poderá ser completamente compreendido, pois a dialética é contraditória

### **QUESTÃO 14.**

Segundo Hegel, "Na história universal só se pode falar dos povos que formam um Estado. É preciso saber que tal Estado é a realização da liberdade, isto é, da finalidade absoluta, que ele existe por si mesmo: além disso, deve-se saber que todo valor que o homem possui, toda realidade espiritual, ele só o tem mediante o Estado".

HEGEL. Filosofia da História. 2.ed. Brasília: Editora da UnB. 1998. p. 39-40.

- A interpretação do trecho citado permite afirmar que
- (A) o Estado é realidade espiritual, que ao mesmo tempo é a garantia dos valores humanos, sendo a liberdade a realização suprema da existência humana, pois ela é a síntese da vontade universal e da vontade subjetiva.
  - (B) o Estado resulta da ação abstrata produzida por uma força divina absoluta e superior às vontades humanas que a ela se submetem.
  - (C) o Estado é a limitação da liberdade, que é cerceada para que o Estado se coloque acima e à frente dos cidadãos no curso da história.
  - (D) o Estado é a recondução do indivíduo e da espécie às condições naturais de existência, únicas capazes de garantir a liberdade como valor absoluto.
  - (E) o Estado é a forma instituída mais avançada de organização coletiva, de modo que carece de teleologia.

### **QUESTÃO 15.**

A fonte do conceito de autonomia da arte é o pensamento estético de Kant. Praticamente tudo o que fazemos na vida é o oposto da apreciação estética, pois praticamente tudo o que fazemos serve para alguma coisa, ainda que apenas para satisfazer um desejo. Enquanto objeto de apreciação estética, uma coisa não obedece a essa razão instrumental: enquanto tal, ela não serve para nada, ela vale por si. As hierarquias que entram em jogo nas coisas que obedecem à razão instrumental, isto é, nas coisas de que nos servimos, não entram em jogo nas obras de arte tomadas enquanto tais. Sendo assim, a luta contra a autonomia da arte tem por fim submeter também a arte à razão instrumental, isto é, tem por fim recusar também à arte a dimensão em virtude da qual, sem servir para nada, ela vale por si. Trata-se, em suma, da luta pelo empobrecimento do mundo.

Antônio Cícero. A autonomia da arte. Folha de São Paulo, 13 dez. 2008. (adaptado).

De acordo com a análise do autor,

- (A) a racionalidade instrumental, sob o ponto de vista da filosofia de Kant, fornece os fundamentos para a apreciação estética.
- (B) um mundo empobrecido seria aquele em que ocorre o esvaziamento do campo estético de suas qualidades intrínsecas.
- (C) a transformação da arte em espetáculo da indústria cultural é um critério adequado para a avaliação de sua condição autônoma.
- (D) o critério mais adequado para a apreciação estética consiste em sua validação pelo gosto médio do público consumidor.
- (E) a autonomia dos diversos tipos de obra de arte está prioritariamente subordinada à sua valorização como produto no mercado.